

INSUCESSO DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: Um seguimento ignorado pela educação brasileira

Liliana Ximenes de Aguiar¹
Claudia Moreira da Silva²

RESUMO

Este artigo visa refletir sobre o insucesso dos anos finais do ensino fundamental, mesmo com resultados das avaliações institucionais abaixo da média, é um seguimento de ensino com pouco investimento em pesquisa e políticas educacionais. As autoras, enquanto docente dos anos finais, há 14 anos, pretendem refletir sobre a transição dos estudantes, a responsabilização dos estados e municípios, a questão da fase da adolescência, a interação família e escola, temas como violência, ansiedade que refletem no processo de ensino-aprendizagem e formação de professores, assim como, incentivo à docência. Para tanto, pretendemos compreender, pesquisar, dialogar com especialistas sobre políticas públicas, analisar dados/documentos e buscar soluções para superação dos desafios pertinentes desta etapa de ensino. Alguns teóricos foram fundamentais para esta escrita, como Gatti (2013), Wallon (2008) e Soares (2012), dentre outros. Portanto, podemos concluir que são urgentes pesquisas, reflexões e políticas públicas educacionais voltadas para o ensino do fundamental II.

Palavras-chave: Anos finais, Políticas Públicas, Adolescência.

INTRODUÇÃO

Este texto retrata a nossa inquietude como professoras dos anos finais da rede pública de ensino, reflete acerca da crise dos anos finais, o insucesso nos resultados das avaliações institucionais, a transição de fase da infância para a adolescência, as descobertas da idade e a mudança para uma nova fase de ensino, além do incentivo à docência. O objetivo do texto é compreender, pesquisar, dialogar com especialistas sobre políticas públicas, analisar dados/documentos e buscar soluções para superação dos desafios pertinentes desta etapa de ensino.

¹ Mestranda do Curso de Ciências da Educação da Universidade Cristã Absoluta, liliana.ximenes@yahoo.com.br;

² Graduado pelo Curso de Ciências da Educação da Universidade Cristã Absoluta, claumoreiradasilva@gmail.com;



Dissertamos acerca do tema, o processo de transição: mudanças desafiadoras, acolhimento e adaptação; o pacto federativo: responsabilização, colaboração, alinhamento entre estados e municípios; a fase da adolescência: questionamentos, busca de sentido e novas relações; a família: desafios na relação, interação com a escola; os conflitos: a violência, saúde mental, ansiedade; e a formação de professores: entraves e motivação.

Os anos finais, por sua vez, é uma etapa de ensino repleta de mudanças e poucas reflexões aprofundadas, um momento de muita dificuldade, muitos alunos quando entram no fundamental II perdem o interesse pela escola, aprendem pouco, as dificuldades de aprendizado se acentuam e as desistências aumentam. Por que esta etapa não está entre as prioridades da educação brasileira? Os resultados do IDEB mostram que existe uma lacuna. Sendo, assim, precisa-se de pesquisas, debates e políticas públicas iminentes.

Diante das pesquisas, diálogo com especialistas e documentos oficiais, percebemos que o déficit de aprendizagem se manifesta nos anos finais do ensino fundamental, ocasionando maior reprovação, aumentando a defasagem idade/série. Entende-se que as especificidades do fundamental II foram ignoradas, poucos debates, não há uma didática voltada particularmente para esta fase.

Os dados mais recentes do IDEB para os anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano) têm desempenho abaixo da meta de 2021 no Brasil. A meta para esta etapa do ensino era 5,5. O número foi de 5, em 2023, menor que o levantamento de 2021 que foi 5,1. Os números mostram que precisamos avançar em políticas e investimentos para melhorar a qualidade do nosso ensino.

Diante disso, essa pesquisa se justifica pelo fato de esta etapa de ensino não está sendo bem assistida e sugere reflexões para os governos reformularem as políticas educacionais em busca de soluções para dar escalas bem-sucedidas aos anos finais.

Desse modo, concluímos que é imprescindível e necessário ajustes que corroborem para a busca de soluções para melhorar processo de aprendizado dos alunos, causas, desafios, formação de professores, pesquisas e políticas públicas eficazes.

METODOLOGIA

Refletir sobre os anos finais do ensino fundamental traz desafios que precisam ser pesquisadores e explorados, as dificuldades de aprendizagem se manifestam com mais clareza nessa etapa de ensino, as reprovações em maior quantidade e o desinteresse pela escola são barreiras preocupantes.



Diante disso, este artigo caracteriza-se como uma análise exploratória e bibliográfica. Para Gil (2002, p. 17) a pesquisa é definida como método capaz de responder questões propostas de forma racional e lógica. Também, fizemos a busca de documentos relacionados aos resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Além disso, o estudo faz reflexões, há fonte de origem empírica, sobre o contexto dos adolescentes dos anos finais, as experiências vivenciadas, as políticas educacionais e os confrontos diários na práxis docente. Segundo Freire (1996, p.32) “Não ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. Diante disso, a pesquisa reflexiva é algo pertinente da profissão professor, pois possibilita a mudança de postura frente aos desafios enfrentados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os anos finais do ensino fundamental, há décadas, vem mostrando uma crise durante esta etapa de ensino, existe uma falha histórica, foi estabelecida uma estrutura para a educação básica, a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, não considerando as fases de desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Soares (2012) destaca que para assegurar qualidade e equidade no ensino fundamental, é crucial desenvolver políticas educacionais que respondam às necessidades específicas dos estudantes. Não aconteceu uma discussão que envolvesse a comunidade escolar como um todo. Os olhares são voltados, com mais afinco, para o processo de alfabetização no início dos anos iniciais e para o final do ensino médio.

Precisamos de especificidades para esta etapa de ensino, abordaremos esta discussão em diferentes perspectivas: a transição dos anos iniciais para os anos finais; o pacto federativo entre municípios e estados; a fase da adolescência; a família; a violência; a valorização e formação de professores.

Iniciaremos dissertando sobre o processo de transição. Um período delicado de mudanças que requer um olhar atencioso. Percebe-se que os mesmos estudantes que gostavam de aprender, perdem o entusiasmo, as desigualdades ficam mais evidentes, as crianças deixam de ser acompanhadas pelos responsáveis. Marca um período significativo na vida acadêmica dos estudantes, caracterizado por mudanças tanto no ambiente escolar quanto nas exigências curriculares. Nesta fase, os alunos passam a ter um maior número de disciplinas, cada uma com um professor especializado, o que requer uma adaptação a novos métodos de ensino e uma maior responsabilidade na organização de suas atividades escolares.



Além disso, o conteúdo se torna mais complexo, exigindo habilidades aprimoradas de leitura, escrita e raciocínio lógico. Este período também é crucial para o desenvolvimento social e emocional, já que os estudantes enfrentam novos desafios e oportunidades de interação, necessitando de apoio e orientação para lidar com as mudanças e construir uma base sólida para o ensino médio.

Quinta série é passagem. Porém, passagem sem rito. Parece que há apenas alertas sobre a transição, mas não há qualquer preparação prévia- quer para os alunos, quer para os professores. Passagem que se desnuda nos diferentes saberes e fazeres implicados no cotidiano de professoras “primárias” e “secundárias”, da 4ª e da 5ª séries. Passagem sem ponte. Mais ruptura que continuidade... (DIAS-DA-SILVA, 1997, p.126)

A transição não é feita de forma satisfatória, momento de grande desistência, indisciplina nas salas de aula, os problemas se agravam, pois há uma ênfase maior nos conteúdos, no desempenho acadêmico dos alunos e as relações interpessoais ficam em segundo plano. Wallon, fala que cognição e afetividade são indissolúveis.

[...] para Wallon o desenvolvimento não se encerra no estágio da adolescência, mas permanece em processo ao longo de toda a vida do indivíduo. Afetividade e cognição estarão, dialeticamente, sempre em movimento, alternando-se nas diferentes aprendizagens que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida. (WALLON, 2008, p.36)

Em relação ao pacto federativo entre municípios e estados, a educação infantil e ensino fundamental são de responsabilidade do município, já o ensino médio é o estado que se responsabiliza. Os municípios, por sua vez, preocupam-se muito com a alfabetização e deixa uma lacuna nos processos que envolvem os anos finais, sendo refletido nos resultados avaliativos. É importante que haja um alinhamento entre estados e municípios com relação a etapa dos anos finais, entende-se que nem os estados e nem os municípios sentem-se, de forma integral, responsável pelo fundamental 2. Falta uma legislação específica para um regime de colaboração.

A fase da adolescência inicia-se nos anos finais, momento de conflitos internos, autoconhecimento para entender as incertezas da vida, uma fase de muitas descobertas, transformações físicas e muitas dúvidas. Tudo isso reflete nos anos finais. Um período desafiador, em que a família precisa estar presente. Essa presença dos responsáveis na escola contribui para o para o sucesso escolar, o desenvolvimento social e emocional dos adolescentes.

A partir do sexto ano, muitos pais acreditam que os filhos têm autonomia e os deixam mais de lado, não procuram saber o que foi estudado na escola. No artigo 205 da constituição mostra que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e



incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988).

No entanto, alguns pais negligenciam a vida escolar dos filhos. As famílias, muitas vezes, só estão presentes nos momentos festivos e ao assinar os boletins dos filhos, não contribuem e não conhecem o projeto político pedagógico, os importantes papéis de cada membro dentro do espaço escolar.

A violência dentro de casa se reflete em sala de aula, a desestrutura familiar influencia no contexto escolar, uma criança abusada, espancada vai reproduzir atitudes agressivas na escola ou de extrema introspecção. Mais um obstáculo que contribui para o insucesso escolar.

A violência familiar, sofrida por crianças e adolescentes, tem sido motivo de grande preocupação dos educadores. Apesar de estar localizada, quase sempre, fora dos muros escolares, tal forma de violência interfere significativamente no cotidiano escolar. (SCHUCHARDT 2012 Apud, CANDAU, 1999, pg. 35)

Nos anos finais, é um aspecto pouco abordado essa exposição da violência. Muitos alunos sofrem e praticam violência física e emocionais, os professores não conhecem os alunos devido a quantidade de alunos e turmas, as histórias de vida e individualidades acabam não sendo percebidas e muitas vezes a demanda não possibilita uma investigação, um olhar atencioso.

A intervenção é necessária. O *bullying*, por sua vez, também é uma prática muito presente na escola que tem implicações na baixa autoestima dos adolescentes. A ansiedade entre eles, principalmente, pós-pandemia, tem se intensificado. Esses são alguns fatores que corroboram com o insucesso escolar.

No que tange a valorização e a formação dos professores dos anos finais, há uma urgente necessidade de um olhar acolhedor. Diferentemente dos anos iniciais, os professores dos anos finais desenvolvem suas atividades de maneira muito individual, isso corrobora com o desânimo, visto a demanda de trabalho, as mudanças rápidas das práticas de ensino. Os habilidades e competências que o professor precisa durante a prática pedagógica vão evoluindo ao longo do tempo. Como afirma Simone (2023)

"o redesenho da experiência educacional requer o exercício contínuo de ressignificar o papel da docência na construção de aprendizagens profundas e o poder da colaboração profissional na formação em serviço. Uma transformação radical na maneira que vemos, pensamos, sentimos e agimos em relação ao professor e à profissão."



Desse modo, é importante que os professores tenham condições de trabalho que favoreçam às práticas exitosas de ensino. Para tanto, precisamos refletir sobre as formações desconectadas com a prática, o adoecimento dos professores, os currículos fragilizados e a gestão ineficaz. Como afirma Gatti (2013) aponta que a formação de professores no Brasil enfrenta problemas estruturais significativos, incluindo a inadequação dos cursos de licenciatura e a falta de articulação entre teoria e prática nas propostas formativas. Além disso, investir em incentivos e crescimento profissional. Dessa forma, podemos contribuir para uma melhor educação para os adolescentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar atento para as fragilidades que envolvem a fase da adolescência na escola nos ajuda a compreender resultados indesejáveis que temos hoje e nos leva a refletir sobre o que fazer diante disso. Todos os aspectos estudados e refletidos neste trabalho são importantes para a conscientização que temos muitas falhas que precisam ser reparadas.

Através do estudo elaborado neste texto, pudemos observar dentre a fonte de origem empírica sobre o contexto dos adolescentes dos anos finais e a colaboração de autores que tratam do tema, a importância da conscientização de um debate sobre possíveis soluções para os desafios enfrentados no Fundamental II.

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, compreender, pesquisar, dialogar com especialistas sobre políticas públicas, analisar dados/documentos e buscar soluções para superação dos desafios pertinentes desta etapa de ensino. Precisamos entender o adolescente hoje, que vive em mundo repleto de mudanças rápidas, precisamos dar protagonismo a esse aluno, despertar seu interesse e proporcionar ferramentas para o desenvolvimento de competências que sejam úteis para o seu cotidiano, um projeto de vida que atendam às suas especificidades.

Apesar das dificuldades e desafios é extremamente instigante o trabalho realizado nos anos finais, sabemos das reais limitações e uma grande discussão deve ser realizada para possibilitarmos um trabalho melhor. Trabalhar a formação inicial dos professores, descobrir novas metodologias que funcionem pra esse seguimento, realizar grandes pesquisas, construir um ensino com significado e políticas públicas eficazes, assim como mostra a essência da Base Nacional Comum Curricular (BNCC),



No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. [...] o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades (BRASIL, 2018, p. 14).

Os desafios dos anos finais não é um problema fácil de resolver, esta reflexão buscou trazer os aspectos pedagógicos, políticos, sociais, relacionais, estruturais e histórico para assim discutirmos, um processo permanente de diálogo e construção entre os entes e o ministério de educação, para assim garantirmos a qualidade da aprendizagem e o avanço na educação.

Políticas educacionais como programas que garantam a permanência do aluno na escola, a valorização dos professores, a importância de uma formação de qualidade, um ambiente escolar com uma infraestrutura adequada, com tecnologia, adaptado ao mundo atual, estratégias eficazes do regime de colaboração entre estados, municípios e união, um pacto federativo que promovam a construção e fortalecimento do ensino.

Sendo assim, entendemos que as pesquisas e as reflexões acerca do fundamental 2 devem ser intensificadas, o fortalecimento da ação docente desse seguimento deve ser uma constante para avançarmos no ensino-aprendizagem e esperamos que a conscientização sobre a importância estimule debates e políticas públicas para possíveis soluções para os desafios enfrentados nos anos finais.

REFERÊNCIAS

ANDRE, Simone. **Uma escola para adolescentes precisa ser atraente também para professores**. [S. l.], 7 mar. 2023. Disponível em: <https://pt.linkedin.com/pulse/uma-escola-para-adolescentes-precisa-ser-atraente-tamb%C3%A9m-simone-andre>. Acesso em: 3 ago. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2. versão revista. MEC: 2016. Disponível em: <http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/bncc2versao.revista.pdf>. Acesso em 12 jun. 2024.

DIAS-DA-SILVA, M. H. G. F. **Passagem sem rito: as 5^{as} séries e seus professores**. Campinas-SP. Papyrus - Série Pedagógica, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.



GATTI, Bernardete Angelina. **Formação de Professores no Brasil: Características e Problemas**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª Ed. São Paulo. Editora Atlas S.A., 2002. HAYDT, Regi

INEP. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB 2023**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>>. Acesso: 14 de ago. 2024.

SCHUCHARDT, Eleonor. **Bullying e algumas propostas de ações de enfrentamento dessa problemática**. 83 f .Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2012.

SOARES, José Francisco. **Qualidade e Equidade na Educação Brasileira: Reflexões e Ações**. Campinas: Autores Associados, 2012.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.

.